

INTENSIFIQUEMOS A LUTA CONTRA O DESEMPREGO

Ano III Nº 27

Julho de 1939

Preço 5 tostões



ORGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES

Fortaleçamos a Unidade Nacional em novas lutas políticas!

A rápida conclusão das ceifas — que motivou uma nova extensão do desemprego entre os rurais em proporções nunca vistas — trouxe como imediata consequência um novo e mais profundo agravamento da situação miserável das massas camponesas e um novo reforçamento da exploração dos trabalhadores, nas principais regiões rurais do país, pelos grandes agrários fascistas e pelo próprio governo de Salazar. Embora o tempo tivesse corrido pouco favorável às culturas, pelo menos em certas zonas do Alentejo, a grande responsabilidade da crise tem de ser lançada sobre o salazarismo e os grandes lavradores cúmplices e principais interessados na ruína política agrária salazarista.

Quem, senão o governo de Salazar, tem a responsabilidade da criminosa redução das áreas de cultivo, praticada este ano pelos grandes agrários fascistas? A quem, senão ao governo salazarista e aos grandes agrários, cabe a responsabilidade da paralização de todos os trabalhos públicos e do despedimento em massa dos trabalhadores, afim de estabelecer a concorrência nos salários e proporcionar à grande lavoura mão-de-obra escrava no período das ceifas? Protegida pelo salazarismo esta teve inteira liberdade de se reunir em todos os concelhos do Alentejo e afinar a sua ofensiva combinada contra as jornadas dos ceifeiros.

As lamentações dos ministros e deputados fascistas, bem como as declarações «paternais» dos grandes exploradores do suor camponês acerca da nossa miserável situação, já não podem convencer-nos, pois elas não passam de pura demagogia por detrás da qual eles pretendem encobrir as suas verdadeiras intenções de esbuiharem até aos ossos os camponeses pobres e assalariados e as suas famílias. Eis porque na frente de todos os camponeses e camponesas assalariados se estendem, com toda a clareza, dois únicos caminhos:

— ou agrupamos as nossas forças e fortalecemos a nossa unidade na luta contra os exploradores, obrigando-os a pagarem as consequências da grande crise agrária, de que eles são os principais responsáveis;

— ou cruzamos os braços, aceitando passivamente a situação, e todo o peso da crise será lançado sobre os ombros dos trabalhadores, condenando definitivamente à fome os nossos filhos.

Diante desta encruzilhada nós camponeses, não podemos hesitar na escolha — o único caminho pelo qual nos devemos lançar, aquele que devemos trilhar sem demoras nem hesitações, é o caminho da unidade e da luta contra os exploradores salazaristas. Alguns camaradas menos conscientes estão, porém, enveredando por caminhos absolutamente contrários aos verdadeiros interesses dos trabalhadores.

teresses dos trabalhadores. Por exemplo, alguns camaradas camponeses de Aldem Nova, Vale de Vargo e outras localidades alentejanas, deixaram-se desmoralizar e andam esmolando de porta em porta. Outros camaradas apertados pela fome, estão-se lançando em saltos noturnos a caminhar isolados. Devemos afirmar que os camaradas que se deixam arrastar para tais caminhos, favorecem inconscientemente a exploração e a acção caluniadora dos tubarões fascistas contra a classe camponesa enfraquecem a unidade combativa dos trabalhadores. Como devemos então organizar a nossa luta e de que maneira obrigaremos a recuar o salazarismo e os grandes lavradores fascistas?

Nas colunas de «O CAMPONESE» e do «AVANT!» têm os camaradas camponeses e camponesas encontrado para isso as formas mais justas, saídas da experiência da nossa luta diária contra a exploração salazarista. Precisamos somente tornar mais fortes e melhor organizadas as nossas acções de massas, juntamos todos os camaradas sem trabalho, nossas companheiras e nossos filhos, elejamos as nossas comissões de unidade e, juntamente com elas concentremo-nos junto das Casas do Povo, dos Grêmios e das autoridades fascistas, e exijamos medidas urgentes para combater o desemprego. Exijamos a abertura imediata de trabalhos públicos, o fornecimento de gêneros e a concessão de subsídios para os desempregados que sejam compatíveis com as necessidades de cada família camponesa. Juntemo-nos todos os desempregados de uma localidade e juntamente com os camaradas das outras terras, façamos marchas de fome até às cabeças do concelho e do distrito exigindo rápidas providências. Será esta a única forma de lutarmos de maneira efectiva contra a miséria e o desemprego.

OS PLANOS DE IRRIGAÇÃO E A Reforma Agrária Democrática

Os paladinhos do salazarismo e a grande imprensa fascista fizeram grande barulheira a propósito da inauguração da barragem do Pego do Altar. No acto inaugural os ministros salazaristas exaltaram as grandes obras do Estado Novo e um deles traçou mesmo um ridículo quadro do que virá a ser a agricultura nacional depois da conclusão das grandes obras de irrigação projectadas pelo salazarismo. Na verdade a valorização das grandes áreas do Alentejo e do Ribatejo, onde hoje

predomina o latifúndio — valorização indispensável para que a agricultura possa corresponder às necessidades do país — somente se tornará possível pela realização duma série de medidas de carácter técnico e, sobretudo, político, entre as quais se conta, de maneira saliente, a realização de grandes obras de irrigação. Porém tais medidas não poderão ser realizadas enquanto estiver no poder o salazarismo. O salazarismo é incapaz de solucionar com justiça este problema dado que todas as suas realizações e planos repousam numa base social contrária aos verdadeiros interesses da nação. Não basta construir grandes obras — é fundamental saber a quem elas aproveitam. Para avaliar da sua utilidade nacional não basta apenas apreciá-las no seu aspecto técnico: é necessário que elas sirvam os verdadeiros interesses da nação — que elas sirvam os interesses do povo.

A grande barragem do Pego do Altar, construída com o dinheiro arrancado às camadas pobres e médias da população, seria uma verdadeira obra de utilidade nacional se ela não aproveitasse apenas a meia dúzia de grandes agrários absenteístas (os Posser de Andrade, os Branco Nuncio, etc.) que utilizarão os seus benefícios em pastagens e arrozais e não nas culturas que mais possam interessar à economia nacional. Não são, pois, as obras de irrigação do salazarismo, por muito valiosas e monumentais, que resolverão a grande crise em que se debate a lavoura, que é devida exclusivamente à política reaccionária do governo de Salazar — a crise agrária nacional somente poderá ser debelada num regime verdadeiramente democrático e popular, que, depois de ter expropriado as terras dos grandes agrários e as ter distribuído pelos camponeses assalariados e pelos pequenos e médios renteiros e proprietários submeta a agricultura a um plano nacional que tenha em conta a produtividade das terras e as culturas que mais interessem à economia da nação. Só então as obras de irrigação, e outras medidas de carácter técnico e político — ou seja uma verdadeira reforma agrária democrática — terão o seu completo valimento nacional.

Actual situação política e económica do nosso país coloca perante o povo português importantes e decisivas tarefas. A nação está arruinada pela acção nefasta do corporativismo e pela política de subordinação aos monopólios anglo-americanos, praticada pelo salazarismo — milhares de operários, camponeses e empregados são lançados para o desemprego num ritmo crescente, e, dia a dia, mais se acentua a paralização das actividades produtivas nacionais. Esta marcha acelerada para a bancarrota económica é acompanhada duma violenta ofensiva contra os melhores defensores da liberdade e da independência da pátria, que querem encaminhar o país na via do progresso, da democracia e da prosperidade nacional. A verdade é que a acção desesperada dos inimigos do povo, longe de mostrar a sua força, revela, pelo contrário, a sua completa incapacidade para solucionar a crise económica e política em que mergulharam o país; mostra que o salazarismo, sem quaisquer raízes que o liguem à nação, não passa dum bando de traidores e de ladrões que só pela frágil arma do terror consegue manter-se no poder. Em contra-partida, as forças democráticas e anti-fascistas são hoje as mais poderosas e vêem alargar-se cada vez mais as suas fileiras. A repressão salazarista não consegue abafar esta realidade da correlação das forças políticas nacionais. As massas necessitam apenas ganhar confiança na sua força, necessitam varrer todo o pânico pelas manobras desesperadas do inimigo e dos seus agentes disfarçados — os falsos democratas — e lançar-se, com decisão e firmeza em novas batalhas políticas contra o salazarismo. Será na luta das massas populares que a Unidade Nacional sofrerá um novo impulso e se fortalecerá, arrojando do seu seio os que, em compromissos com o salazarismo, procuram manobrar nas costas do povo. As próximas eleições para as Juntas de Freguesia e para a Assembleia Nacional proporcionarão novas jornadas políticas de grande importância para as forças democráticas nacionais. Apesar das medidas do governo de Salazar, alarmado pela grande movimentação popular à volta da candidatura do general Norton de Matos, o fascismo será obrigado a ceder novas possibilidades de acção legal à oposição e a fazer novos recuos. Isto só se tornará possível se as massas populares, se todos os democratas se lançarem desde já ao trabalho, organizando as comissões eleitorais de empresa, de classe, de freguesia, de concelho e de distrito, chamando a elas os homens que ficaram fiéis ao espírito da unidade e se mostrem dispostos a continuar a luta contra o salazarismo dentro do movimento nacional democrático. Enquanto que para as eleições de deputados se devem exigir as condições mínimas, os democratas devem desde já preparar-se para participarem nas Juntas de Freguesia elaborando e popularizando os cadernos de reivindicações locais, aprovados em assembleias conjuntas de todas as comissões locais, onde devem também ser escolhidos os candidatos do povo. A activa participação das massas camponesas no movimento é imprescindível para a sua amplitude nacional.

a crise capitalista e a paz

Os imperialistas anglo-americanos não mais podem esconder aos olhos dos povos as manifestações da maior crise económica que jamais sacudiu o apodrecido sistema capitalista, e o fracasso do seu instrumento de subjugação dos povos, personificado no «PLANO MARSHAL». Assim as previsões dos dirigentes do grande povo soviético estão a ser totalmente confirmadas pelos acontecimentos. Mais uma vez os financeiros de Wall-Street e da City procurarão sair-se das dificuldades à custa da escravização dos povos coloniais e dependentes e das classes laboriosas de cada país lançando para o desemprego milhões de trabalhadores e reforçando as medidas reaccionárias e fascistas contra as forças democráticas e progressivas. Particularmente nos países que, como Portugal, têm à sua frente governos traidores e inimigos do povo e onde é mais acentuada a vassalagem ao imperialismo, os efeitos da crise serão muito mais profundos e desastrosos. Mas os planos dos monopolistas anglo-americanos e dos seus lacaios, mais uma vez fracassarão pois os povos estão firmemente decididos a pôr um dique aos seus tenebrosos desígnios. Em cada país os lutadores populares engrossam as suas fileiras e estão na ofensiva. Frustrado de momento o recurso à guerra — única saída para as crises do capitalismo — pela política de paz da U.R.S.S. e pela luta activa dos povos pacíficos e amantes da liberdade, as contradições entre os imperialistas tornam-se dia a dia mais agudas e evidentes e enfraquecem cada vez mais as abaladas posições dos fomentadores de guerra. Ao lado do capitalismo em crise o mundo socialista prospera cada vez mais na paz e no progresso. Isto foi possível porque o grande povo soviético e os povos das democracias populares souberam arrancar decididamente dos seus países as raízes políticas e económicas da crise, da reacção e da guerra e encaminhá-los na senda da democracia, do progresso e da paz.

A nossa situação é cada vez mais grave e os bandos fascistas nada fazem para a melhorar. Há mais de 9 semanas que acabaram as ceifas e a classe camponesa, sem trabalho, é obrigada a apertar ainda mais os cintos e a ver os filhos morrerem de fome. Agora o governo de Salazar empenhado em atirar para cima das costas do povo trabalhador todo o peso da crise, cortou todas as verbas do orçamento e subsídios para trabalhos públicos, especialmente aqueles cujo destino era dar trabalho aos desempregados, e isso significa que teremos pela frente mais negros dias se. UNIDOS COMO UM SÓ HOMEM, não obrigarmos pela luta os exploradores salazaristas a encarem medidas práticas e urgentes para aliviar a nossa trágica situação. O ano agrícola foi de mais fraca produção que o ano passado devido à ruínoza política agrícola do salazarismo, mas trouxe, contudo, maiores proventos para a grande lavoura. Seguindo as previsões oficiais do salazarismo as colheitas do trigo e cevada, da aveia e do centeio foram, respectivamente de 10, de 8 e de 5,1º mais rendosas que as do ano passado e isto mostra-nos que os agrários estão este ano em melhores condições para suportarem os encargos da crise de trabalho que lhes são devidos, e, ao mesmo tempo, para nos pagarem melhores jornas do que as jornas arrastadas que nos estão pagando.

A LUTA -- EIS O CAMINHO

Só a nossa unidade e a nossa luta forçaram o governo e a grande lavoura a modificar as suas intenções confusas de nos reduzir à condição de escravos. Os exemplos de luta que dia a dia nos são dados pelos camponeses e camponesas do Alentejo e do Ribatejo devem guiar-nos no único caminho seguro para sacudirmos a exploração dos grandes agrários e do salazarismo. Em MERTOLA, 150 camponeses de FERNANDES e 30 de CORTE GAFO concentraram-se na Câmara Municipal para exigir trabalho. Porém, o presidente — o fascista Passos de Lima sabendo que os trabalhadores o esperavam não apareceu na Câmara. Os trabalhadores dirigiram-se então ao posto local da G.N.R. e apresentaram ao tenente as suas reivindicações. É preciso, porém não descansarmos nas promessas do tenente da G.N.R. e fazermos novas concentrações junto das outras autoridades pois o governo que retirou as verbas para os trabalhos de utilidade pública, concedeu 200 contos para arranjar da sacristia. Em PIAS cerca de 40 camponeses desempregados concentraram-se na Casa do Povo exigindo que esta providenciasse para que fosse dado trabalho para todos. O regedor, que é também presidente da Casa do Povo, oficiou para SERPA donde responderam que haveria trabalho a arranjar e a partir pedra dando os camponeses a ferramenta e a pólvora ao preço de 27\$00 o metro cúbico. Esta resposta indignou os camponeses pois eles sabem que o ano passado recebiam 42\$00 pelo mesmo serviço o que lhes dava um

MAIS LUTAS E MAIS VITÓRIAS

salário de 12 e 13\$00 por dia. Como podiam fazê-lo este ano por 27\$? Em face disto os camponeses concentraram-se no posto da G.N.R. tendo entregue aqui uma representação com mais de 500 assinaturas com destino ao governador civil de Beja, reclamando trabalho e uma jorna suficiente. Também em VALE DE VARGO 30 camponeses fizeram uma concentração junto da residência do presidente da junta exigindo trabalho. Esta autoridade negou-se a aparecer e mandou uma filha comunicar aos trabalhadores que já não era presidente da Junta pois ia demitir-se. No dia seguinte, 13 de Julho, os camponeses voltaram a procurá-lo tendo-lhes ele prometido que iria a SERPA expor a situação. No dia 14 novamente lá voltaram os camponeses e nada havia sido feito. No dia 22 os trabalhadores concentraram-se junto do regedor e ali mesmo mais de 200 chefes de família e pessoas a seu cargo assinaram uma representação às autoridades do distrito. Não podemos descansar à espera do resultado das exposições feitas. É preciso fazermos mais concentrações ainda mais numerosas pois só assim acabaremos por ser atendidos pelos salazaristas. Em BENAVIDA um rancho de desempregados concentrou-se na Casa do Povo exigindo trabalho. Como aqui nada resolvessem, no dia 2 de Julho um número mais elevado de trabalhadores acompanhados pelo presidente da Casa do Povo, foram junto do administrador do concelho que lhes prometeu providenciar junto do governo. Os camponeses de BENAVIDA querem organizar novas acções juntamente com os camaradas de outras localidades a fim de obrigarem as autoridades a abrir trabalhos para os sem trabalho mas para isso não devem poupar-se a esforços nem deixar adormecer a vontade de luta que anima todos os camaradas. Em VIANA DO ALENTEJO cerca de 100 camponeses sem trabalho concentraram-se na Casa do Povo exigindo que esta tomasse providências para acudir à sua situação. Esta arranjou trabalho para todos mas apenas por três dias e sem que os camponeses soubessem que jorna iam ganhar. No dia 18 de Junho mais de 200 camponeses de ALAMO, LOMBARDOS e arredores concentraram-se na Câmara de MERTOLA exigindo trabalho. O presidente mandou-os voltar 15 dias depois para saberem o resultado não sem ter feito uma série de ameaças que, contudo não intimidaram os trabalhadores. Também aqui não podemos confiar no fascista Passos de Lima e devemos continuar a luta cada vez com mais decisão. Em ALPIARCA, no dia 27 de Junho, mais de 100 camponeses concentraram-se na Câmara exigindo trabalho. O presidente recebeu uma Comissão e prometeu tratar do problema junto do governador civil de SANTARÉM pedindo-lhes que esperassem até ao dia 29. Ao mesmo tempo os camponeses dirigiram-se ao engenheiro da Hidráulica com o mesmo fim conseguindo imediatamente trabalho para 15. No dia 29, os camponeses voltaram a concentrar-se na Câmara para saber a resposta do governador civil mas foi-lhes dito que o dr. Neves, presidente, não estava na vila. Os camaradas de Alpiarca não podem afrouxar a sua luta pois o dr. Neves é um laiaio dos grandes agrários e está brincando com a miséria dos camponeses. Em VILA FRANCA DE XIRA, nas obras da ponte sobre o Tejo 400 trabalhadores faziam horas extraordinárias que não lhes eram pagas. Mais de 20 concentraram-se à porta da barraca do engenheiro chefe e exigiram o pagamento das horas e mais 50,1º como manda a lei. Ante a firmeza dos trabalhadores o engenheiro foi obrigado a atendê-los e a pagar as horas devidas a todos os trabalhadores.

TAMBÉM AS MULHERES LUTAM

As nossas camaradas camponesas sobre quem tomba com mais ferocidade a exploração dos grandes agrários estão marchando valentemente ao nosso lado na estrada da luta Assim o fizeram as camponesas de

CANHA, de S. VICENTE DO PAUL e de COUÇO. Na

herdade de Mata do Duque pertencente aos duques de Cadaval as mulheres mercê da sua luta de que «O CAMPO» deu notícia, tinham conseguido ser contratadas por 17\$ e folgas ao domingo e dias santos. Agora o feitor da herdade quis baixar as jornas para 12\$00 mas as valentes camponesas de Canha em número de 25, uniram-se todas e exigiram o cumprimento do contracto o que conseguiram. Em S. Vicente do Paul, (Vale de Figueira) as camponesas fizeram a greve por melhores jornas. A maioria das mulheres foram ceifar por 15\$00 mas um rancho conseguiu arrancar uma jorna de 20\$00. Ao saberem disto todos os outros ranchos de camponesas exigiram os 20\$00 e como os agrários se recusassem foram todas para a greve negando-se a ceifar por menos. Mesmo as que tinham obtido os 20\$00 se puzeram em greve solidarizando-se com as suas companheiras. O lairador fascista Joaquim Pedro Torres e o feitor lacaio Robim da Paz chamaram polícia de Santarém e esta quis obrigar as camponesas a trabalhar o que estas se recusaram a fazer por menos de 20\$00. A polícia prendeu 14, levou-as para Santarém e sujeitou-as a apertados interrogatórios. Apesar das ameaças da polícia as valentes camponesas mantiveram-se firmes e ao fim de dois dias acabaram por ser postas em liberdade. No Couço na propriedade do dr. Alberto Garcia um rancho de 15 mulheres que se haviam contratado por 20\$00 ao entregar o trabalho o patrão quis pagar apenas a 18\$00 sob o pretexto de que elas tinham chegado mais tarde uma hora. Todas as camponesas se recusaram trabalhar por 18\$00 abandonando o trabalho e indo para outro patrão. Enquanto os agrários pagavam jornas de 15 a 20\$00 os seareiros pagavam 25\$, e desta maneira as valentes camponesas do Couço conseguiram melhor jorna.

lutar e unir

CAMARADAS camponesas e camponesas! Temos de continuar cada vez mais firmes e mais unidos a luta contra os exploradores salazaristas. A experiência diz-nos que não devemos confiar nas promessas das autoridades fascistas e que elas só serão cumpridas se nós intensificarmos a nossa luta, não descansando enquanto não somos atendidos. Devemos fazer todos os esforços para convencer todos os nossos companheiros e companheiras a unirem-se e lutarem como única maneira de combater a crise de trabalho e a exploração salazarista. Façamos concentrações nas Casas do Povo, nas Juntas, Regedorias, Câmaras, Postos da G.N.R., Administrações e Governos Cívicos e exijamos que tomem providências obrigando os agrários e o governo a abrir trabalhos e a distribuírem géneros e subsídios para os desempregados e suas famílias. Façamos marchas pelas casas dos lavradores exigindo trabalho para todos e recusemos trabalhar por jornas baixas. Só unidos acabaremos por vencer!

PEQUENAS NOTÍCIAS

Depois de mais de um mês de greve os valentes camponeses italianos regressaram ao trabalho. A greve, que abarcou mais de 2 milhões de trabalhadores, terminou com a completa vitória dos camponeses e revelou a sua grande firmeza e espírito de unidade. Neste importante movimento há que destacar o papel saliente dos sindicatos rurais, filiados na grande Confederação dos Trabalhadores Italianos, que agrupam mais de 7 milhões de trabalhadores, e que foram verdadeiros instrumentos da luta, da unidade e da vitória dos camponeses de Itália. «O CAMPO» saudou as camaradas camponesas e camponesas italianas pelo seu grande triunfo contra as forças reacionárias vaticanistas encabeçadas pelo governo traidor de De Gasperi.

Morreu Dimitroff, o grande lutador da Paz, da Liberdade e da Independência dos povos. Filho da heroica classe operária búlgara, Dimitroff tornou-se um dos grandes dirigentes da luta mundial contra o fascismo e a guerra. Como secretário geral da Internacional Comunista, dissolvida em 1912 por não corresponder às condições históricas da luta libertadora dos povos contra o nazismo agressor, os seus ensinamentos foram um guia para o proletariado mundial, e uma decisiva contribuição para a vitória dos povos livres e amantes da paz sobre as forças coligadas do nazi-fascismo.

Dimitroff, o herói do Reichstag, que à frente do povo búlgaro, foi o grande construtor da Democracia Popular da Bulgária, era um dos mais destacados combatentes do campo democrático contra as manobras reacionárias e belicistas do imperialismo anglo-americano. Com a morte de Dimitroff os povos democráticos perderam um exímio defensor e os operários e camponeses da Bulgária o seu mais querido e amado dirigente.

APANHADA DA AZEITONA

Unidas e Firmes

Os proprietários preparam-se para nos explorarem na apanha da azeitona. Isso quer dizer que temos de nos preparar para responder pela luta às suas manobras. Os agrários exigem que as mulheres levem os panos de aparramento e queiram estabelecer a apanha de empreitada a fim de fugirem aos encargos do seguro. Se nos deixássemos contratar nestas condições ficaríamos privadas de assistência no caso de qualquer acidente, o que, como todas nós sabemos, sucede com grande frequência nestes trabalhos. Em cada rancho devemos constituir comissões com as camaradas mais firmes e decididas para tratarem dos contratos com os patrões. Devemos exigir trabalho de jorna com uma jorna compatível com as nossas necessidades e com os riscos do trabalho. A mesmo tempo devemos exigir que os patrões forneçam os panos e empreguem homens para a mudança das escadas, que é um trabalho muito violento para nós e dará trabalho aos nossos companheiros desempregados. Se nos agumentarmos unidas e e firmes as nossas reivindicações triunfarão e os exploradores terão de recuar.

Campanha dos 5 Contos

A grande crise de trabalho, que atirou para a miséria milhares de camaradas, é a causa principal de não ter sido coberta a «CAMPAHA DOS 5 CONTOS».

Mas, por outro lado, a situação que atravessamos torna cada vez mais necessária a existência de «O CAMPO» para nos orientar e nos ajudar na nossa luta por pão, trabalho e uma jorna suficiente, e por isso temos de o manter. Temos de encontrar formas de recolher donativos para o nosso jornal seguindo os exemplos já aqui apontados e levando à prática novas iniciativas.

| Quantias recebidas: | |
|---------------------|--------|
| Camponeses unidos | 20400 |
| Fonte vermelha | 5400 |
| Pela paz | 5900 |
| Camponês vermelho | 2450 |
| Solidariedade | 1450 |
| Foices vermelhas | 3250 |
| Amigos de Duarte | 2450 |
| Abaixo a exploração | 15400 |
| Camponês vermelho | 7450 |
| Solidariedade | 4450 |
| Amigos de Duarte | 10880 |
| Total | 107490 |